

Texto: Flávio Marcelo
Ilustrações: Ceci Shiki

A bela dança da Lua e do Sol



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
*Secretaria da Educação
Secretaria da Cultura*

Fortaleza - Ceará - 2012

Governador
Cid Ferreira Gomes

Vice-Governador
Domingos Gomes de Aguiar Filho

Secretária da Educação
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

Secretário Adjunto
Maurício Holanda Maia

Coordenadora de Cooperação com os Municípios
Márcia Oliveira Cavalcante Campos

Orientadora da Célula de Programas e Projetos Estaduais
Lucidalva Pereira Bacelar

Coordenação Editorial
Kelsen Bravos

Preparação de Originais e Revisão
Kelsen Bravos
Túlio Monteiro

Projeto e Coordenação Gráfica
Daniel Diaz

Conselho Editorial
Maria Fabiana Skeff de Paula Miranda
Leniza Romero Frota Quinderé
Marta Maria Braide Lima
Isabel Sofia Mascarenhas de Abreu Ponte
Sammya Santos Araújo
Vânia Maria Chaves de Castro
Antônio Élder Monteiro de Sales

Catálogo e Normalização
Gabriela Alves Gomes
Maria do Carmo Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C387b

Ceará. Secretaria da Educação.

A bela dança da Lua e do Sol/ Flávio Marcelo; ilustrações de Ceci Shiki. – Fortaleza:
SEDUC, 2012. (Coleção PAIC Prosa Poesia)

24p.; il.

ISBN:

1.Literatura infanto-juvenil. I. Título.

CDD 028.5
CDU 37+028.1(813.1)



Para Dona Lidu,
Um anjo de asas invisíveis, enviado a Terra para ser minha mãe.

Era uma vez uma linda e triste donzela, vestida de renda branca, que se chamava Lua. Não tinha a alegria dos passarinhos do sertão, nem o colorido das flores, nem a companhia das constelações que habitavam o Céu. Lua era pura solidão e melancolia.



Os passarinhos, quando livres das gaiolas, dos caçadores, das baladeiras ou estilingues, voavam felizes e cantavam as mais belas melodias. A doce flor do mandacaru embelezava e suavizava a seca caatinga do nordeste. As estrelas do céu viviam felizes, perto umas das outras a rir, a fofocar e a contar anedotas. Mas a Lua, mesmo tão bela e brilhante vivia, sozinha.





Lá do céu, a Lua olhou para a Terra e observou meninos e meninas alegres a correr pelos terreiros e a brincar de roda, de corda, de bila, de bola, de pipa, pião e amarelinha. Viu também casais apaixonados que depois da novena sentavam nos bancos da pracinha para conversar, namorar e trocar carinhosos beijinhos. O cenário era composto de vários conjuntos. Havia conjuntos de casinhas iluminadas por lamparinas, de pessoas que viviam felizes na companhia umas das outras, de bichos que se comunicavam entre si e de jangadas que deslizavam no mar e no rio com suas velas coloridas.

Mesmo clareando com sua luz natural tudo o que via e servindo de inspiração aos apaixonados, Lua não pertencia a nenhum grupo. Era um conjunto unitário. Não existiam duas ou três Luas, só uma, somente ela mesma. Embora se apresentasse Nova ou Crescente, Cheia ou Minguante, era uma só. A linda, triste, brilhante, única e solitária Lua.



Ao viver na solidão, Lua sentia-se vazia mesmo quando estava cheia. Não tinha um amigo para conversar nem uma companhia para compartilhar as coisas boas da vida. E assim, aquele belo ser de Luz que se chamava Lua vivia no silêncio, na solidão e na escuridão da noite.

Solidão é o sentimento de sentir-se só. Algumas pessoas gostam da solidão e outras se sentem solitárias mesmo estando rodeadas de outras. Mas a Lua, protagonista desta história, mesmo cercada de estrelas, estonteante e admirada por todos, era muito triste e sozinha. Ela não gostava da solidão, nem de ser única.





O que ela não sabia é que naquele mesmo céu, imenso e infinito, durante o dia aparecia outro ser de Luz que também sentia a dor da solidão. Era a maior de todas as estrelas que se chamava Sol. Mesmo rodeado por planetas, asteroides, cometas e satélites, Sol era também solitário.

De perto, era branco como a espuma do mar e, aos olhos da Terra, amarelado como o fogo das fogueiras de São João. Sua presença acima do horizonte dava vida ao dia e a sua ausência criava a noite. Nascia todas as manhãs sempre ao leste prateando o mar e se punha para descansar a oeste depois de um longo e cansativo dia. O curioso é que no momento em que se recolhia, apresentava-se ainda mais lindo e brilhante num belo vermelho-alaranjado vibrante.

Por ser tão luminoso e transmitir tanta alegria todos pensavam que o Sol era muito feliz, no entanto, faltava-lhe algo que nem ele mesmo sabia o que era. Talvez um amigo de verdade ou um grande amor.

Certo dia, Lua já tão cansada de se sentir sozinha resolveu partir. Mas o céu era infinito, então como seguir uma estrada sem fim? Mesmo assim Lua caminhou sem direção, deslizando levemente pelo espaço e saltando entre as nuvens com as pontas dos pés. Estava especialmente bela e mais cheia do que nunca. Quando chegou ao ponto mais distante da Terra, cansada, resolveu parar para descansar um pouco.



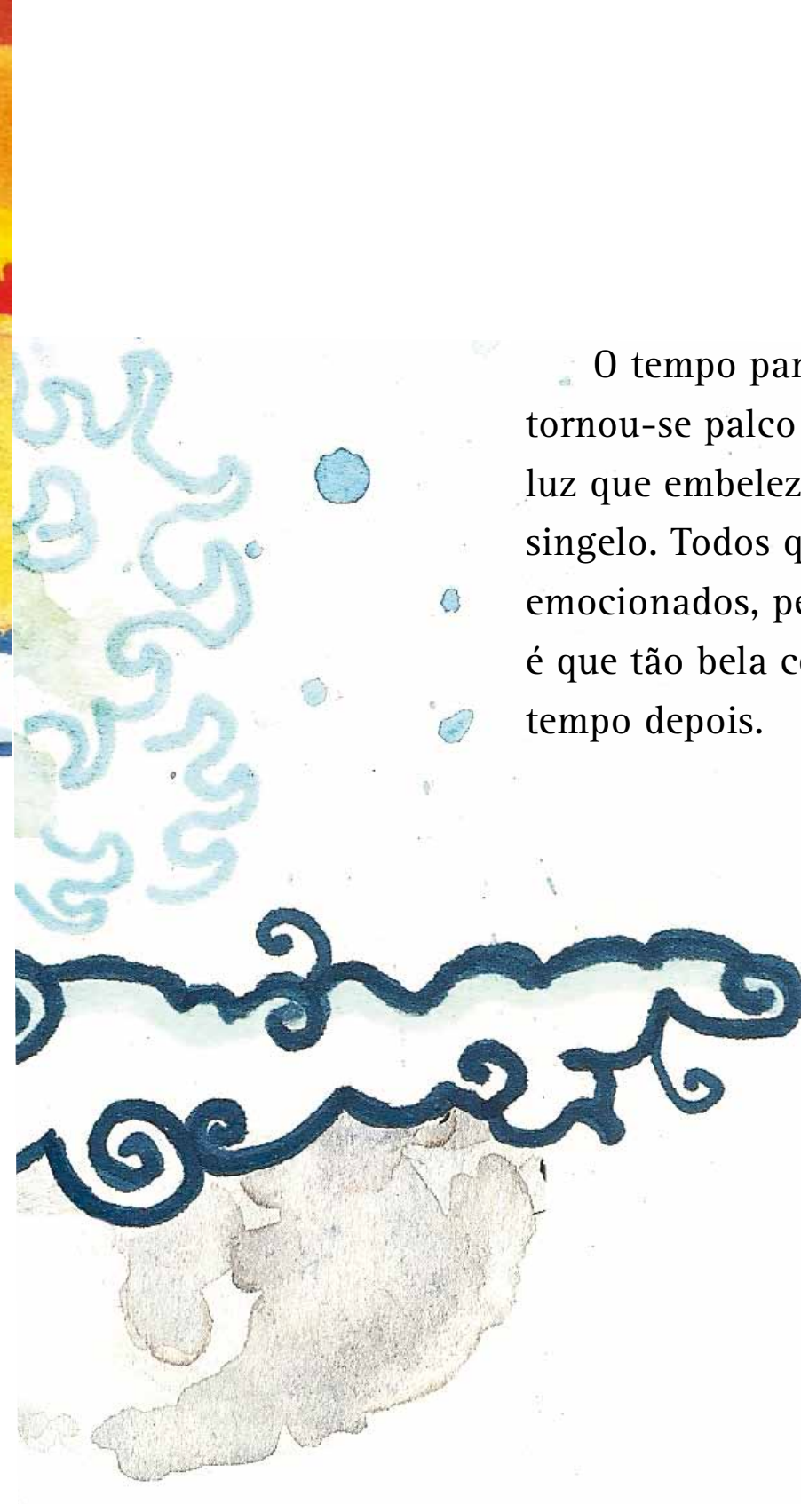


Naquela mesma noite, por causa de uma insônia, pensando na sua solidão, Sol depois de revirar pra lá e pra cá, impaciente, levantou-se antes da hora, alterando a rotina de todo o sistema solar. Ele, que só aparecia durante o dia nunca tinha avistado a Lua que só era vista à noite. Quando a viu, ficou encantado com tanta beleza.

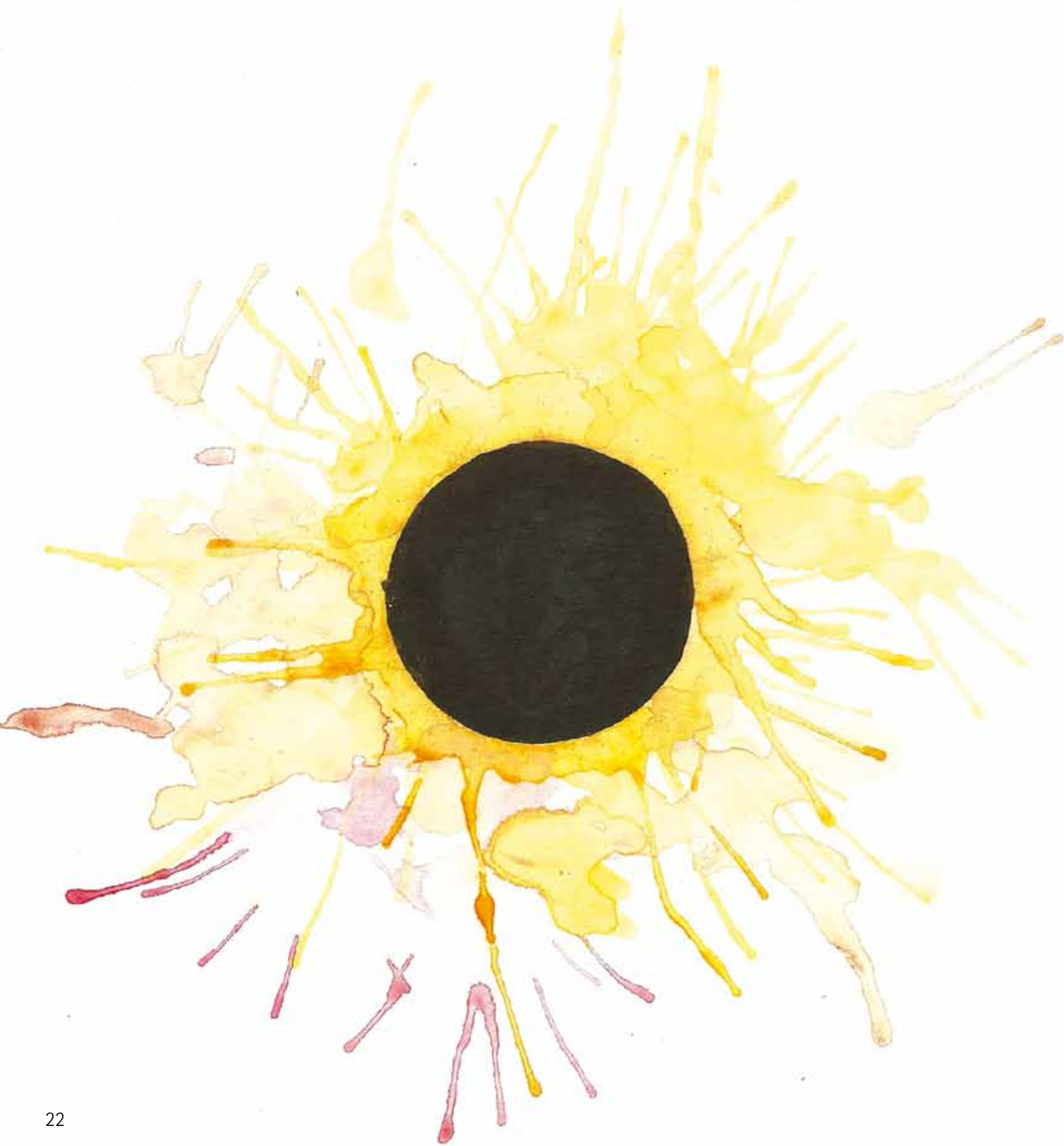
Lua que era a Rainha da Noite, ao ver o Sol, Senhor Rei do Dia deslumbrou-se. Ambos, desconhecidos um do outro, quando se viram pela primeira vez sentiram uma emoção diferente que fazia o coração pulsar fortemente. Suaram frio e sentiram um friozinho na barriga mesmo sendo calorentos. Era um momento de pura magia e encantamento.



Chegaram perto um do outro e não disseram nenhuma palavra, pois os olhares já diziam tudo. E felizes, sorriram. Eram dois seres de Luz que se completavam. Ela, responsável pelas marés, tão conhecida dos bravos pescadores e ele, que tinha como missão aquecer a Terra e acalmar os ventos, deram-se as mãos e ensaiaram naquele instante o mais belo dos padedês.



O tempo parou e durante uma hora o Céu tornou-se palco de um lindo espetáculo de luz que embelezava a noite daquele sertão singelo. Todos que viram aplaudiram de pé e, emocionados, pediram bis. O que não sabiam é que tão bela cena só seria repetida muito tempo depois.



A Lua e o Sol despediram-se. Mas agora viviam felizes preparando-se para o próximo encontro, pois sabiam que mesmo com as distâncias do tempo, dos dias e das noites tinham o carinho, a amizade e a cumplicidade do outro. Depois de muito tempo voltaram a se encontrar e de tempo em tempo cada vez mais aperfeiçoavam aquele belo dueto celestial que os poetas chamaram de Amor à Primeira Vista e os astrônomos de Eclipse.



Flávio Marcelo

Felicidade é um estado de alegria e satisfação. É assim que me sinto: feliz em poder publicar um livro que conta tão bela história. É a primeira no meio de tantas que já escrevi, mas que ainda não tive a oportunidade de publicá-las, mas pretendo. Sou Flávio Marcelo, filho do Seu Flávio e da D. Lidu, irmão do Marcos e da Lu e tio-padrinho de Clara. Nasci e vivo no meu chão desde então – Aracati – a minha amada Terra dos Bons Ventos. Que esta obra, escrita com tanto carinho, contribua sensivelmente com o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da cultura das crianças que a lerem.



Ceci Shiki

Chamo-me Ceci Shiki. Sou do dia 24 de março e nasci em Fortaleza, moro na cidade solar há oito anos. Desenhar para crianças significa exercitar os rabiscos que desde pequena fizeram parte do meu imaginário. Participar dessa coleção é ter a oportunidade de compartilhar esses rabiscos dos cadernos de desenho, colocar linhas e cores no papel para as pequenas mentes brilhantes.